



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

RAYLENE CAMPOS DE CARVALHO

CIRURGIA PLÁSTICA: ENSAIO SOBRE
FEMINISMOS E FOTOGRAFIA DE UMA
PROFESSORA EM FORMAÇÃO

GOIÂNIA – 2023

**UFG**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES
ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Raylene Campos de Carvalho**Título do trabalho: **CIRURGIA PLÁSTICA: ENSAIO SOBRE FEMINISMOS E FOTOGRAFIA DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO****2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹**

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Luiz Henrique Arantes Araujo Olivieri, Professor do Magistério Superior**, em 26/02/2023, às 12:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Raylene Campos De Carvalho, Discente**, em 28/02/2023, às 19:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Raylene Campos De Carvalho

**CIRURGIA PLÁSTICA: ENSAIO SOBRE FEMINISMOS E FOTOGRAFIA DE UMA
PROFESSORA EM FORMAÇÃO**

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais da
Universidade Federal de Goiás.

Orientador: Professor Dr. Luiz Henrique
Arantes Araujo Olivieri

GOIÂNIA- GO

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Carvalho, Raylene Campos de
CIRURGIA PLÁSTICA: [manuscrito] : ENSAIO SOBRE
FEMINISMOS E FOTOGRAFIA DE UMA PROFESSORA EM
FORMAÇÃO / Raylene Campos de Carvalho. - 2023.
XXXVII, 37 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Henrique Arantes Araujo Olivieri.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,
Goiânia, 2023.

Inclui fotografias.

1. Feminismo. 2. Fotografias. 3. Ensino em Artes Visuais. 4. Foto
Performance. I. Olivieri, Luiz , orient. II. Título.

CDU 7



UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) dezesseis dia(s) do mês de fevereiro do ano de 2023 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "CIRURGIA PLÁSTICA: ENSAIO SOBRE FEMINISMOS E FOTOGRAFIA DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO", de autoria de **Raylene Campos de Carvalho**, do curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo(a) prof. dr. Luiz Henrique Arantes Araujo Olivieri – orientador(a) (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: profa. dra. Carla Luzia de Abreu (FAV/UFG) e profa. dra. Noeli Batista dos Santos (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final, tendo sido o TCC considerado **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Henrique Arantes Araujo Olivieri, Professor do Magistério Superior**, em 26/02/2023, às 12:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Luzia De Abreu, Professora do Magistério Superior**, em 27/02/2023, às 20:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 27/02/2023, às 21:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3505331** e o código CRC **9F87BDBF**.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus por ter estado comigo em toda a trajetória, agradeço aos meus pais Raimundo e Aurilene por darem sentido a tudo que sou, por me apoiarem e sentirem orgulho de ter uma filha professora artista. Agradeço também ao meu esposo Gabriel que nunca me deixou desistir dos meus sonhos.

Agradeço principalmente todos os docentes que passaram pela minha vida, e que foram verdadeiros transformadores. Em especial meu orientador Luiz Olivieri que não mediu esforços em me apoiar nessa jornada.

Obrigada todas as mulheres feministas que lutaram para hoje eu pudesse estudar, trabalhar e escolher meu próprio caminho.

RESUMO

A presente pesquisa é um ensaio fotográfico de uma professora em formação que pensa em temas feministas para a sala de aula. O texto está escrito com uma metodologia autobiográfica onde cada sessão pode ser um tema de aula. Em uma aula é enfatizada a participação das mulheres professoras nos movimentos feministas, em outra é ampliada a pluralidade desses movimentos. É também ressaltada a presença de mulheres no processo de invenção da fotografia e discutido o “revelar” das imagens pelos estudos da cultura visual. Tudo isso pensado como um exercício teórico-prático para a realização de uma atividade fotográfica em salas de aula. Uma foto-performance feita por mim é apresentada ao longo do texto. Aliar a prática da fotografia com discussões histórico-conceituais.

Palavras chave: Feminismo, Fotografias, Ensino em artes visuais, foto performance.

RESUMEN

Esta investigación es un ensayo fotográfico de una docente en formación que reflexiona sobre temas feministas. El texto está escrito con una metodología autobiográfica, donde cada sesión puede ser un tema de clase. En una clase se enfatiza la participación de las maestras en los movimientos feministas, en otra se amplía la pluralidad de estos movimientos. También se destaca la presencia de la mujer en el proceso de invención de la fotografía y se discute la “revelación” de las imágenes por parte de los estudios de cultura visual. Todo ello pensado como un ejercicio teórico-práctico para la realización de una actividad fotográfica en las aulas. A lo largo del texto se presenta una foto-performance realizada por mí. Combinar la práctica de la fotografía con discusiones histórico-conceptuales.

Palabras clave: Feminismo, Fotografía, Enseñanza de las artes visuales, foto performance.

SUMARIO

Introdução.....	6
Sobre a organização do texto	9
Aula 1: Início dos movimentos feminista: a importância das educadoras no processo emancipatório.	12
Sufragista no Brasil 1832 a 1932	12
Questionamento sobre a relação da imagem na construção de imaginários 1963 a 1972.....	14
Aula 2: Um panorama dos Feminismos Negro, Indígena e Transfeminismo	16
Aula 3: Imagens através da cultura visual	21
Aula 4: Mulheres na invenção da fotografia.....	24
Aula 5: Produção de fotografias.....	28
Cirurgia Plástica (2023).....	29
Aula 6: Refletir e avaliar as fotografias produzidas.....	33
Conclusão.....	34
Referências Bibliográficas	35

INTRODUÇÃO

Falar sobre fotografia é também falar de mim. Sou dependente dessa arte, dela vem o sustento da minha vida e do meu espírito artístico. “A Fotografia” estava aqui antes que eu chegasse e ela continuará ao meu lado até minha partida. Início essa introdução com relatos autobiográficos que me fez perceber o vínculo visceral que tenho com os temas que serão abordados. A fotografia e o feminismo me fizeram perceber quem eu queria ser como docente e artista.

Minha mãe me contou que durante a gestação ela passou um período bem difícil, era uma situação de muito risco. Foi então que, dentro da maternidade, à beira de um aborto espontâneo, minha mãe desesperada por um milagre, recorreu à sua fé. Ela implorava pela vida do bebê que já estava declarado morto em sua barriga. Então ela sentiu em seu coração o desejo de fazer uma última ultrassonografia antes da retirada do feto. O médico, muito relutante, a deixou ver sua filha em sua barriga pela última vez, acreditando que o bebê em questão já havia falecido, atendendo a um último pedido de uma mãe em fase de aceitação. Milagrosamente, ele percebeu que o bebê estava vivo e ainda por cima mexendo sua mãozinha. Aliviada e em um tom de brincadeira, minha mãe então falou "olha, ela acenando para foto". E assim surgiu minha primeira história com a fotografia.

Durante minha adolescência, enquanto navegava pelo meu perfil do Facebook, deparei-me com algumas publicações de caráter feministas que me instigavam a questionar a realidade em que vivia, a maneira como era tratada sendo mulher. A partir das postagens de páginas de empoderamento feminino, fui reconhecendo as violências às quais eu era submetida diariamente pelo machismo patriarcal¹, como, por exemplo: os assédios nas ruas, os comentários e piadas machistas dos meus professores (homens) e tantas outras formas de agressão que vivenciava diariamente.

Procurei entender melhor sobre esse movimento que estava me empoderando. Na própria rede social existia um grupo feminista da minha cidade, chamado *Feminismo Abaetetuba*². Nele, eu e outras adolescentes nos reuníamos,

¹ O patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis. São ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores (ARONOVICH, 2019).

² Abaetetuba: Município brasileiro localizado no interior do estado do Pará.

presencialmente, e falávamos de temas amplamente feministas como: cultura do estupro, aborto, violência doméstica e outros temas importantes que vivenciávamos desde a infância.

Hoje, olhando para essa situação, reconheço que não tínhamos maturidade psicológica para lidar com alguns casos extremamente delicados, mas reconheço a importância de ter vivenciado essa experiência durante a minha formação como mulher. Além do que algumas meninas puderam ser encaminhadas para ajuda profissional graças a sororidade do grupo. Esses momentos de trocas foram fundamentais para que eu decidisse, hoje, abordar os assuntos feministas, já que eles me fizeram perceber que o conhecimento é uma forma de emancipação.

A Licenciatura em Artes Visuais resgatou em mim a menina que ensinava fotografia para ser fotografada, a menina que mostrava para os outros como é ter um olhar de uma perspectiva diferente sobre a mesma situação. A importância do ensinar e do saber, de apreciar e entender o seu entorno de maneira consciente.

Quando cheguei em Goiânia em 2017³, senti uma enorme dificuldade em me adaptar à nova cidade, mudei alguns hábitos, conseqüentemente mudanças físicas. Me sentia mais bonita em parecer magra, alisei meu cabelo, fiz uso de maquiagem diariamente, mudei minha forma de me vestir, de falar e de me comportar. O mais controverso de todo esse processo era a falsa sensação de liberdade que vinha junto. Todas essas escolhas de fato eram minhas?

Uma das armadilhas do sistema machista, na qual nós mulheres estamos inseridas, é colocar umas contra as outras, para nos sentirmos mais atraentes e mais poderosas. É um sistema brutal que age com nosso inconsciente fazendo com que nossos corpos e nosso pertencimento sejam um erro que devemos ter vergonha. Para que seja lucrativo para a indústria capitalista

a “beleza” é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres em uma hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder as quais as mulheres precisam competir de forma

³ Ingressei na Universidade Federal de Goiás, UFG, onde tive a oportunidade de fazer monitoria no atelier de fotografia da Faculdade de Artes Visuais, FAV, por 3 semestres. Lá pude me aperfeiçoar de maneira independente na linguagem fotográfica.

antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram (WOLF, 2002, p.29)

Mesmo sendo uma mulher feminista, contra a imposição do padrão de beleza, me dei conta tardiamente da armadilha na qual me encontrava. Me olhei no espelho e não me reconheci, não enxerguei meus traços, minhas raízes e não lembrava em nada das minhas origens. Desencadeando crises de distorção de imagem.⁴

Percebi então que odiava o que me tornava única, o que me tornava humana. Me encontrei em colapso, enquanto vomitava no meu banheiro escondido porque tinha comido “muito” no dia anterior⁵. Odiava as curvas que meu corpo tinha, odiava as marcas de estrias que tinha adquirido, odiava o ondulado do meu cabelo, a separação dos meus dentes, odiava minha voz, meu sotaque, minha pele, minha estatura, odiava sobretudo a minha existência. Me sentia tão envergonhada, eu não sabia muito bem onde estava, me encontrava aos 20 anos tão franca e só.

Gosto de pensar que a idade na minha narrativa não teve tanta relevância, justamente por entender que a misoginia tem as armas certas para nos atingir independentemente da faixa etária. De certa forma, me sinto privilegiada já que mesmo com todos os problemas psíquicos que tive, não tive meus direitos básicos negados e contei com o apoio de profissionais capacitados. Não é o caso de muitas mulheres que vivenciam abusos físicos graves, como: mutilação, estupro e até o feminicídio. Entendi finalmente que quando somos mulheres, devemos nos manter continuamente vigilantes e lutarmos pela nossa sobrevivência diariamente.

Todas essas situações que foram relatadas me fizeram compreender a importância que o feminismo tem na vida de uma mulher. Ter tido contato com o movimento feminista durante a adolescência me ajudou no processo de identificação e tratamento da distorção de imagem que eu tinha em relação a mim mesma, que eu tinha como consequência do machismo.

Minha relação com o feminismo, com a docência e com a fotografia foram se estreitando à medida que eu avançava no curso de Licenciatura em Artes Visuais. Já

⁴ A distorção da imagem corporal está relacionada ao componente perceptivo e consiste na falha em avaliar com precisão o tamanho corporal (Lewer, M; Bauer, A; Hartmann, 2017)

⁵ Nesse período fui diagnosticada com bulimia. A Bulimia Nervosa consiste em episódios recorrentes de compulsão alimentar seguidos de práticas compensatórias para evitar o ganho de peso, como: exercícios físicos em excesso, vômitos e uso de medicações. Elas ocorrem no mínimo uma vez por semana durante três meses (APA, 2014).

que dentro da universidade pude performar na fotografia de forma profissional, e pude exercitar meu olhar crítico a partir das disciplinas ofertadas, como; a de Fotografia, Arte e cultura visual, e estudos críticos e educação. A partir de minhas experiências pessoais entendi a importância de abordar temas feministas em sala de aula e como a informação e o diálogo podem contribuir para a formação de meninas e mulheres, para que tenham conhecimento das violências existentes no sistema patriarcal.

SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

Esta pesquisa tem como objetivo ser um ensaio feminista com potencial para ser um material de ensino-aprendizagem de fotografia como um exercício de empoderamento⁶ feminista. Sendo assim, a proposta foi organizar este texto de forma que cada seção possa ser tema de aula. A ideia foi também construir um texto para embasar a proposta prática que está presente no final, na última seção. Acredito que esse material possa ser usado tanto no ensino não formal como em oficinas e cursos, assim como nos anos finais do ensino fundamental e médio da educação básica.

Na Aula 1, "Início dos movimentos feminista: a importância das educadoras no processo emancipatório", é destacado o nome de feministas importantes para que o feminismo existisse como é conhecido hoje, para que as mulheres pudessem ter suas vozes ouvidas, inspirando assim outras mulheres a lutarem pelos seus direitos. Vamos notar que muitas das feministas pioneiras eram professoras e nessa aula será abordada as primeiras sufragistas Brasileiras, e no decorrer serão apresentadas as feministas contemporâneas e as produções de imagens. Já a Aula 2, "Um panorama dos Feminismos Negro, Indígena e Transfeminismo", procura explorar as diferentes vertentes feministas, a fim de ampliar a abordagem histórica, para que todas estudantes possam se sentir incluídas (não só aprenderem sobre o feminismo branco, cis, euro centrista), dando abertura para o diálogo de outras vertentes feministas importantes para a história e a contemporaneidade.

⁶ Traduzida do termo inglês "empowerment", a palavra empoderamento possui uma conotação muito mais voltada ao sentido de poder e de aquisição a uma emancipação individual econômica. Empoderamento é uma palavra "nova" na língua portuguesa e ainda não é dicionarizada oficialmente, também não é um termo usado exclusivamente para fins feministas. (MATIA, 2017).

Na Aula 3, "Imagens atravessadas pela cultura visual", é feita uma reflexão sobre as imagens na atualidade em paralelo com as fotografias existentes em nosso cotidiano. Além de como somos afetadas pela estratégia machista de controle de corpos. Na Aula 4, "Mulheres na invenção da fotografia", temos como objetivo mostrar que, por mais que a fotografia tenha sido usada como ferramenta para propagar noções machistas de feminilidade, as mulheres feministas estiveram presentes desde o início da técnica de captação de imagens. Algumas delas foram apagadas e ignoradas pela história da fotografia, no entanto outras possuem suas obras reconhecidas porque estiveram à frente de seu tempo ao subverter e questionar os padrões sociais de suas épocas.

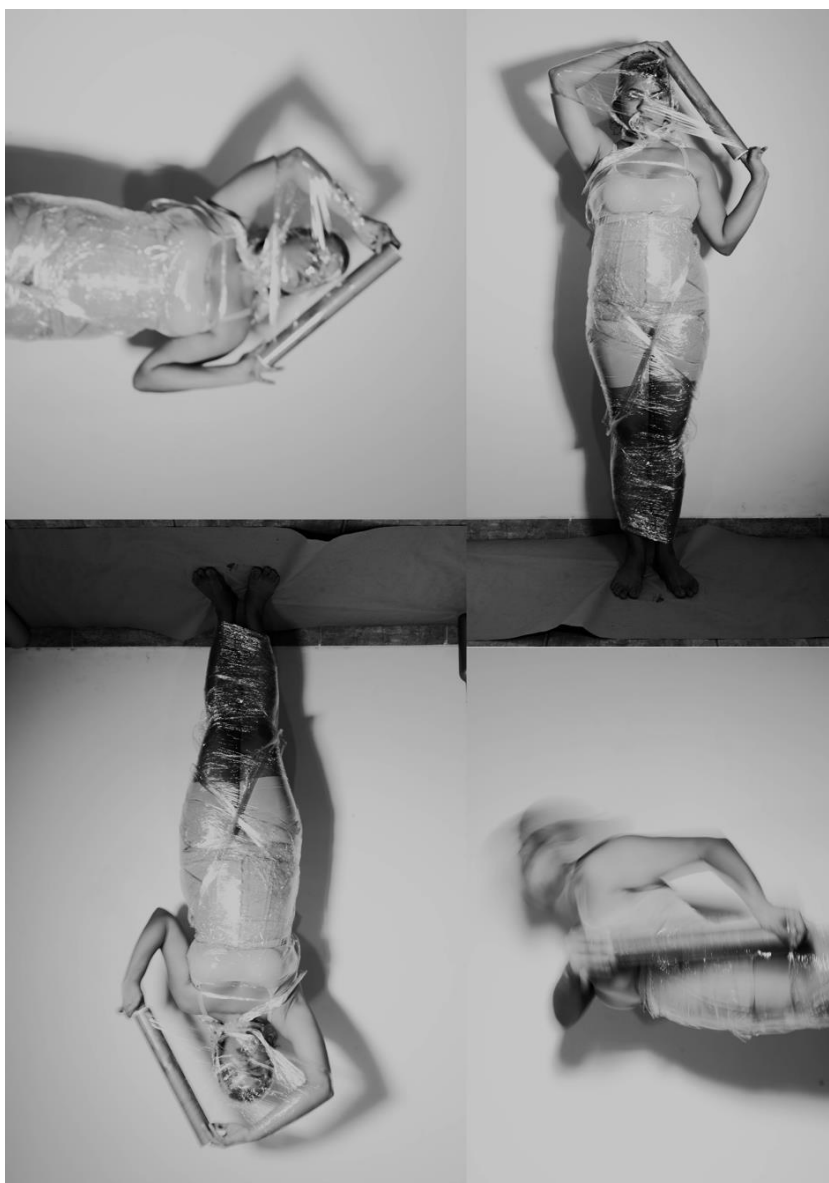
Na Aula 5, "Produção de fotografias", busco atingir o objetivo de toda a construção didática. Essa aula é uma proposição para orientar e estimular a produção de novas imagens, relacionada com todo o conteúdo discutido. Também apresento o trabalho "Cirurgia plástica" (2023), no qual faço autorretratos a partir de uma performance. Finalizo com a Aula 6, "Refletir e avaliar as fotografias produzidas", encerrando então a trilha de aprendizagens.

A abordagem do ensino-aprendizagem da fotografia proposto se dá com uma construção histórica e crítica. Sem desmerecer a técnica fotográfica, mas enfatizando a construção do olhar reflexivo sobre os temas abordados.

O texto é escrito em primeira pessoa, recheado por narrativas pessoais, por causa do meu vínculo corporal e cotidiano com os temas. As metodologias de pesquisa usadas foram: a autobiográfica. As pesquisas autobiográficas configuram-se como uma forma de pesquisa onde, o sujeito se desvela, para si, e se revela para os outros, como uma história autorreferente carregada de significado (WIERCINSKI, 2014, apud. Abrahão 2004). Sendo que a "pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores" (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.18).

Sendo assim, entendo que toda essa construção de aprendizagens é importante: cada aula está conectada entre si. Isso permite que elas possam ser realizadas na sequência proposta ou como temas de aulas independentes. Fica a critério da professora(or), da leitora(or) a escolha do melhor momento para a abordagem dos temas a seguir, de acordo com a suas realidades de ensino.

Figura 1 - Cirurgia Plástica



Fonte: Raylene C. (2023).

AULA 1: INÍCIO DOS MOVIMENTOS FEMINISTA: A IMPORTÂNCIA DAS EDUCADORAS NO PROCESSO EMANCIPATÓRIO.

Desde muito tempo as lutas feministas buscam a igualdade de direitos. Na história do feminismo percebemos a importância dos coletivos de mulheres que conquistaram o direito ao voto, direitos trabalhistas, direito a escolhas igualitárias nos relacionamentos conjugais e outras conquistas. É importante ressaltar que muitas vezes as reivindicações tinham objetivos específicos e, hoje, percebemos conexões entre essas reivindicações do passado com o presente: o "feminismo é um movimento político. Questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras. Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal." (TELES, 2018) É um movimento, portanto, para uma transformação abrangente da ordem social, econômica, política e ideológica.

Falar de fotografia, feminismo e ensino implica em entendermos algumas dessas conexões, pois não se trata apenas de falar sobre imagens, mas de como essas imagens são influenciadas por questões históricas, culturais e sociais. É importante ressaltar que não estamos nem perto de ter todos nossos direitos conquistados, mas nem por isso pode-se esquecer de todas as lutas feministas.

Tais lutas históricas têm como marco a luta pelo sufrágio feminino. Um dos pontapés iniciais para essa luta foi a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã⁷, na França. Gouges, escreveu em 1791: "Esses direitos são à liberdade, à propriedade, à segurança e, sobretudo, ao resistir à opressão." (MARQUES, 2019, p.17 apud. GOUGES 1791).

SUFRAGISTA NO BRASIL 1832 A 1932

Essas lutas não foram nada fáceis, em muitas delas as reivindicações só foram atendidas após muitas manifestações, desordem da ordem pública, explosões de

⁷ Em francês: *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne*, escrito por Olympe de Gouges. Tal declaração somada.

bombas caseiras, greves de fome e até mortes de mulheres sufragistas pela causa. No Brasil o direito ao voto foi concedido em 1930 e também não foi dado de “mão beijada”, mas sim resultado dos esforços de grandes mulheres. É interessante observar que em muitos casos, essas mulheres que lideraram esses movimentos eram professoras, como por exemplo a professora Nísia Floresta, que traduziu diversas obras sobre a causa sufragista para o português e facilitou assim a propagação da informação. Suas obras "são testemunhos de que ela, de modo convicto, via a educação como um instrumento de emancipação das mulheres" (MARQUES, 2019 P.21) A educação, segundo Nísia Floresta, seria "um meio de sustento e lhes ampliaria os horizontes de interesses." (Idem).

Outra professora que atuou veementemente pelo direito ao voto para as mulheres foi Leolinda de Figueiredo Daltro, que desde o final da década de 1890 já atuava pelos sertões de Goiás alfabetizando grupos indígenas que a acolhiam. Fazendo isso ela acreditava que esses grupos poderiam conviver com os conflitos nos sertões sem que fosse preciso abrir mão de suas crenças e costumes. No final do ano 1910, Leolinda propôs que fosse criada uma entidade pública de assistência aos indígenas. Mesmo assim, ela não pôde votar nem participar das decisões da entidade, exclusivamente masculina. A professora era convicta que “sem o direito de votar e sem educação profissionalizante, as mulheres jamais seriam ouvidas pelos homens poderosos nem poderiam construir vidas.” (Idem, 2019, p.79).

Desde então, Leolinda Daltro se dedicou a capacitar mulheres para serem independentes financeiramente e para lutar pelos seus direitos na sociedade patriarcal, assim fundou a escola para mulheres, Orsina da Fonseca, na qual treinava suas alunas para ofícios profissionais como datilografia, fundamentos da enfermagem, matemática, português para que as estudantes pudessem ter empregos melhores.

Tais estudantes participaram ativamente nas marchas pelo direito ao voto, fazendo abaixo assinados e provocando ações que chamavam a atenção para a causa. Leonina continuava mandando declarações ao congresso, não só para a mulher poder votar como para serem votadas também. Outras feministas importantes lutaram para que em 1932, o direito ao voto feminino sem condições excepcionais⁸ fosse conquistado.

⁸ Já que o voto feminino tinha sido "concedido" apenas para mulheres viúvas ou solteiras com renda própria, em 1930.

Podemos perceber, porém que essa construção histórica, se restringe a ter como protagonistas, determinados grupos de mulheres brancas e com acesso à educação formal. Porém, é importante observar na história dos movimentos feministas que eles não eram realizados de forma homogênea. É também importante ressaltar que a educação é uma questão central, por exemplo com a luta das sufragistas negras, que ainda estavam no sistema escravocrata lutando pela abolição. Foi a professora e sufragista negra, abolicionista estadunidense, Frances Ellen Watkins Harper que militou contra o racismo⁹, a favor da emancipação de negras e negros, com a conquista do direito ao voto.

QUESTIONAMENTO SOBRE A RELAÇÃO DA IMAGEM NA CONSTRUÇÃO DE IMAGINÁRIOS 1963 A 1972

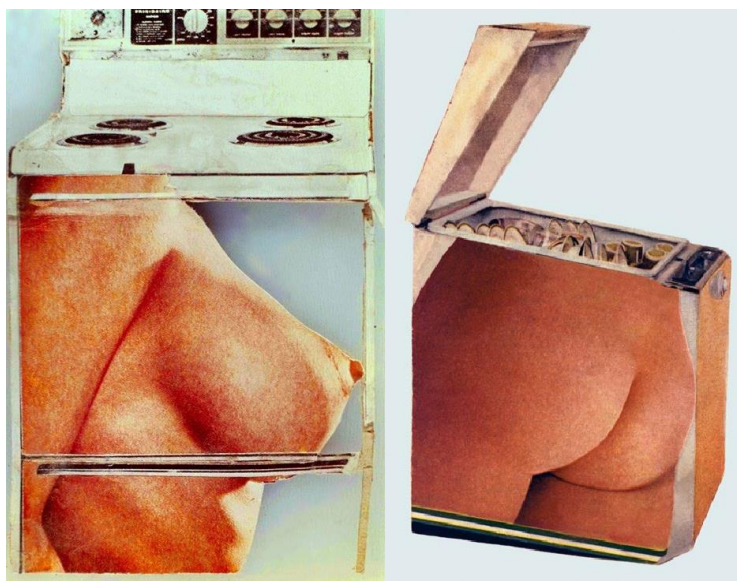
Outro enfoque importante nessa construção histórica (que relaciona fotografia, feminismo e ensino) é a luta feminista que questionava a relação da imagem na construção de imaginários. Como exemplo, podemos citar que, em 1963, Betty Friedan, uma feminista estadunidense, em seu livro “A Mística feminina”, levantou a demanda das mulheres dona de casa contra as publicidades machistas veiculadas na imprensa. Nelas era ditado, descaradamente, como uma mulher deveria se comportar, se vestir e o que ela deveria fazer para agradar o marido, dentre outras violências psicológicas que eram veiculadas para a manutenção da “escravidão” no lar. Essa era uma maneira de podar com a mensagem de que nós mulheres não poderíamos nem sonhar com a possibilidade de conquistar o mundo. Como Friedan disse, “havia uma estranha discrepância entre a realidade de nossa vida de mulher e a imagem à qual nos procuravam moldar, imagem que apelidei de mística feminina” (FRIEDAN, 2020).

Ainda na década de 1970 a artista feminista Martha Rosler criticava justamente o que Friedan escreveu: as publicidades machistas. Suas obras usaram por diversas vezes a fotografia e a criação de montagens com fotos. Ela também se apropriou de

⁹. Frances E. W. Harper alertou a plateia sobre os perigos do racismo ao descrever a situação em Boston, onde sessenta mulheres brancas abandonaram o emprego em protesto à contratação de uma mulher negra.(Elizabeth Cady Stanton, Susan B. Anthony et al., History of Woman Suffrage, v. 2, cit., p. 392).

imagens já existentes, como das revistas playboys, para “mostrar como as mulheres foram transformadas em um objeto de fetiche pelos poderes da política cultural dominante. Literalmente, a mulher se transformou em uma carne (...) não só para ser consumida, mas também para ser domesticada.”¹⁰ (BOUHABEN, 2017. Tradução nossa).

Figuras 2 e 3. Body Beautiful, or Beauty Knows No Pain (1966-1972)



Fonte: Martha Rosler (1966-1972).

Nessa breve organização histórica realizada, vimos como educação, imagem e feminismo andam lado a lado: da mesma forma que a imagem é usada para moldar o comportamento feminino, ela também pode ser usada como meio de empoderamento. Essa a proposta de exercício que esta pesquisa busca provocar no âmbito de produção prática. Porém essa produção necessita de discussões em diversos níveis: a análise crítica requer mecanismos de ação para que seja um meio de libertação e não de opressão. Essa opressão vem de diversas formas e níveis, para atingir de maneiras diferentes formas seu objetivo que é anular a existência de qualquer resistência. Mas essas resistências diversas persistem graças a coletivos feministas.

¹⁰ “muestran como la mujer ha sido convertida en objeto fetiche por los poderes de la política dominante y de la cultura mainstream. Literalmente, la mujer se ha transformado en pura carne. Una carne (...)Una carne para no solo para ser consumida, sino también para ser domesticada.”, (BOUHABEN, p 565, 2017).

AULA 2: UM PANORAMA DOS FEMINISMOS NEGRO, INDÍGENA E TRANSFEMINISMO

Dentro de sala de aula, as vivências das e dos estudantes podem ser percebidas por meio de diferentes correntes feministas, isso porque o feminismo é plural, e fruto da luta pela visibilidade feminina em sua diversidade de culturas e pensamentos. É importante entender que nós mulheres temos lutas diferentes de acordo com a classe social, posição geográfica, cor de pele, sexualidade, religião e outras tantas diferenças que torna essa luta tão importante.

É fundamental termos transparência ao ensinar sobre feminismo a fim de não categorizarmos seletivamente um grupo feminista. Isso contribui para contemplar em sala de aula e em outros espaços de ensino, as várias nuances que os movimentos possuem a fim de não sermos excludentes. Com uma pluralidade de perspectivas, as e os estudantes podem ter uma identificação maior. Essas especificidades podem ser percebidas, por exemplo, no movimento feminista negro.

Segundo Da Silva (2018), o Movimento Feminista Negro no Brasil surge de dentro do Movimento Unificado Negro (MNU), através da também ativista e professora Lélia Gonzales, representante do MMU. Isso devido ao grande machismo presente no próprio movimento. González foi a criadora do “Nzinga - Coletivo de Mulheres Negras” em 1983. Apesar de sofrer ataques de alguns integrantes que acreditavam que esse novo coletivo dividiria o grupo, ela se manteve firme com o objetivo de reunir mulheres negras provenientes de diferentes comunidades e discutir suas dificuldades na sociedade brasileira, organizando maneiras políticas de enfrentá-las. A pesquisadora Stephanie Ribeiro detalha a necessidade de se ter um feminismo negro já que: “Precisamos enfatizar que não existe uma MULHER, existem MULHERES. Portanto, não existe FEMINISMO, existem FEMINISMOS.” (RIBEIRO, 2018, p. 26. Grifos da autora).

Esse recorte racial que o feminismo Negro evidencia é importante pois considera o racismo estrutural existente (ALMEIDA, 2019), questionando o porquê de a mulher negra ainda ocupar uma grande parte dos piores empregos recebendo

péssimos salários e tendo as piores condições de saúde¹¹. Para (RIBEIRO, 2018) a mentalidade colonial perdura, se esquecendo de mulheres negras que ainda assumem empregos subalternos:

Nós não esquecemos. A nossa ancestralidade nos guia. Como pontua Angela Davis, "quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo". (RIBEIRO, 2018, p. 272).

Como forma de questionamento por meio da imagem, a fotógrafa Helen Salomão criou o projeto "Negra Gorda" para mostrar a vivência de mulheres negras. Este projeto foi inspirado na mãe da artista, que sofreu racismo e gordofobia. Salomão afirma que suas fotografias são um ato de revolução: "eu comecei a usar a arte como forma de denúncia aos padrões que eu achava que não eram convencionais" (SALOMÃO, 2017)¹².

Figura 4 - Negra Gorda



Fonte: Helen Salomão (2017).

¹¹ Além de sofrer com o turismo sexual descarado e a maior taxa de feminicídio no Brasil. Segundo o Anuário Brasileiro de Violência Pública publicado em 2021, 62% das vítimas de feminicídio no Brasil são negras.

¹² Fala de Helen Salomão na entrevista para o TEDx em 2017.

Outra vertente feminista a ser abordada em sala de aula é o feminismo indígena brasileiro. No qual muitas mulheres indígenas lutam para serem protagonistas de suas narrativas, ganhando respeito e status na comunidade e ensinando as meninas e mulheres indígenas a lutarem pelo que acreditam. Como cita Sônia Guajajara, Deputada Federal pelo estado de São Paulo, nomeada em 2023 ministra do recém-criado Ministério dos Povos Indígenas:

Existe um feminismo indígena, mas do nosso jeito. [...] Talvez esse termo não seja o mais adequado para a nossa realidade. O feminismo soa radical, longe da gente. Mas temos sim buscado protagonismo dentro das aldeias e para fora, nas nossas lutas, procurando visibilidade. Hoje, mulheres têm assumido os principais cargos dos movimentos indígenas estaduais e regionais. [...] Uma vitória nossa, mas que contou também com o entendimento e os votos de muitos homens para acontecer. Para a gente, esse é o nosso feminismo: se empoderar e assumir o protagonismo. (OLIVEIRA. 2018 P.302 apud GUAJAJARA 2018).

A luta feminista indígena, assim, busca também que as mulheres ganhem espaço nas principais decisões das aldeias e a autonomia financeira para as mulheres indígenas que produzem o artesanato dentro e fora da comunidade. A mulher indígena feminista não só percebe, mas luta contra a violência sofrida desde a chegada da civilização branca em seus povos. Como relata Márcia Wayna Kambeba, geógrafa, poeta, cantora e compositora, da etnia Kambeba, localizada no território do Amazonas:

A mulher indígena sofre vários tipos de violência. Primeiro ela sofre por ver seu povo sendo afetado, marginalizado, discriminado. Depois, ela sofre como mulher e essa violência não é só física, ela é psicológica e social também. Mulheres indígenas sofreram esterilização forçada. Mulheres e crianças são violentadas e assassinadas por pistoleiros como forma de intimidar o povo a deixar a aldeia. (LIVEIRA. 2018 P.302 apud KAMBEBA, 2018. P,305).

Portanto, as feministas indígenas possuem preocupações para além das questões de gênero, como a demarcação de terras e as violências causadas a mando

do agronegócio que muitas vezes saem impunes. Isso torna cada vez mais imprescindível a presença de mulheres indígenas nos maiores cargos políticos a fim de barrar projetos de leis que só beneficiam os latifundiários e grandes empresários.

Depois de abordar o feminismo negro e indígena vale ressaltar que o feminismo não é só para as mulheres cis gênero, mas também para pessoas transexuais, travestis e transgêneros, não binárias e outras mulheres que se encontram à margem da sociedade machista e misógina. No transfeminismo, muitas das tentativas de "explicação" das identidades transgêneros partem do princípio de que as vidas das pessoas trans não possuíam sentido. (Bagagli, 2018).

Essa atitude que busca encontrar uma "origem" para as identidades trans acaba por reproduzir uma noção cissexista sobre a existência de pessoas trans. O transfeminismo busca se desvencilhar dessa problemática. Para tanto, partimos do princípio de que nossas vidas fazem sentido simplesmente porque são dignas de serem vividas. É necessária uma luta que as façam viáveis e sujeitos que resistam. (BAGAGLI. P.343, 2018).

Essas relações excludentes e violentas se estendem ao ambiente escolar: muitas vezes, pessoas trans sofrem perseguição dos colegas e da própria instituição docente. Quando é negado às e aos estudantes a possibilidade plena do uso do seu nome social, ou dos banheiros conforme a identidade de gêneros, nota-se que as instituições reproduzem a transfobia social aumentando assim a expulsão escolar¹³. As escolas ainda não estão prontas para incluir formalmente pessoas trans - não sem "polêmicas" com discursos reacionários e intolerantes. O direito à educação se torna escasso numa sociedade transfóbica como a brasileira. (BAGAGLI, 2018).

É por estarmos inseridos nessa sociedade preconceituosa e violenta que se torna importante discutir o feminismo em sala de aula. Até porque para além dos movimentos feministas citados, o movimento contempla outras vertentes importantes como os feminismos protestante, islâmico, asiático e tantos outros que podem ser explorados mediante a necessidade em sala de aula.

¹³ Termo usado por Berenice Bento para enfatizar que não é uma evasão escolar, mas sim "uma expulsão, já que os estudantes são coagidos a abandonar a escola devido à violência que sofrem."(BENTO, 2011).

A estudante precisa entender que suas vivências, sua sexualidade, sua cultura, não é motivo para ser tratado como inferior, muito menos ser subjugado pelo resto de suas vidas. É importante a inclusão das e dos estudantes na mediação do conhecimento a fim de um aproveitamento prático tanto no coletivo da escola como no individual durante o cotidiano da/o estudante. Na aula a seguir vamos aprofundar melhor nos estudos das imagens através da cultura visual e como a fotografia foi usada por feministas para questionar padrões de gênero.

AULA 3: IMAGENS ATRAVÉS DA CULTURA VISUAL

As imagens produzidas pela fotografia vão além da técnica perfeita de manipulação de luz, são construídas por uma via de mão dupla entre quem registra e quem lê as imagens fotografadas. As narrativas que constroem uma imagem podem ser “fiéis ao real” e mesmo assim direcionar o olhar, manipulando a interpretação de quem está vendo.

Atualmente somos bombardeados por imagens, desde o momento em que acordamos, ao pegarmos no celular, as placas e outdoor nas ruas, televisores e inúmeros meios que fazem com que as imagens cheguem ao nosso olhar: acabamos por analisar mais imagens que textos em nosso cotidiano. Quando as imagens são inseridas nas artes visuais, “aprender a ler os códigos do sistema de representação das artes visuais é tão importante quanto o entendimento dos sistemas numéricos e de escrita” (KEHRWALD, 2006, p. 28).

Tais imagens podem influenciar diretamente nossas ações, por exemplo, nos mostrando o que é belo, o que é o certo, o que é o aceitável. Não por acaso, como fotógrafa profissional, diariamente recebo propostas de orçamentos para ensaios fotográficos com o intuito de que as fotos façam com que a fotografada ou o fotografado tenha a aparência de ter uma outra condição financeira ou status social. Sempre peço a esses clientes uma noção do que eles querem receber com meu trabalho, percebo então que, maioritariamente, as inspirações são de famosos ou imagens publicitárias. Percebo também que as imagens, principalmente inseridas nos contextos das redes sociais, adicionam status e têm o poder de manipular a maneira como você quer ser visto no mundo digital.

Um dos dispositivos facilitadores para que essas imagens se propaguem é o aparelho celular, que por muitas das vezes possuem câmeras e acesso à internet bombardeando as/os nossas/nossos estudantes. A câmera do celular nos permite ver, observar e espionar como nunca antes. Não possuímos o real controle do que chega a nós como consumidores de imagens, nem do que pode ou não ser real. É importante pensarmos que mesmo que construídas para dar um aspecto de espontaneidade, as imagens que circulam nas mídias sociais ganham o selo da “verdade” fotográfica. A

fotografia é a “imagem produzida por aparelhos. Aparelhos são produtos da técnica que, por sua vez, é texto científico aplicado.” (FLUSSER, 2002. P. 13).

Esse “verniz científico” que toda imagem fotográfica recebe a torna uma forte arma persuasiva. Devido ao grande volume imagético e as incertezas sobre a veracidade das imagens e ao que elas realmente se propõem, torna-se cada vez mais necessário o ensino da cultura visual dentro da sala de aula de artes já que “uma das características mais marcantes da nova cultura visual é a tendência crescente de visualizar coisas que não são visuais em si” (MIRZOEFF, 2003, p. 22. Tradução nossa)¹⁴.

Notamos então que, implicitamente ou explicitamente, estarão presentes nas imagens relações sociais como machismo e outras relações de poder. Essas relações de poder se misturam às imagens. Quando nos deparamos com os complexos das visualidades descritos por Mirzoeff, percebemos que, com esse respaldo tecnológico, as imagens fotográficas se tornam uma “caixa preta” a ser revelada. E como podemos olhar além do que emerge à primeira vista em uma fotografia?

O aspecto tecnológico da fotografia “válida” também qual “beleza” deve ser vista. Refletir sobre feminismo e os estudos da cultura visual nos provoca a pensar de forma crítica e a interpretar as imagens, entender o que tem por trás, ter uma educação visual durante as aulas de artes visuais para que possamos “revelar” o que as fotos das redes sociais nos dizem.

A cultura visual nos leva a analisar essas imagens e a discutir todas essas questões na sala de aula, não apenas as imagens da história da arte. É importante ressaltar que grande parte dessas novas imagens que ocupam nossas timelines são de situações banais: “a cultura visual distancia nossa atenção dos cenários de observação estruturados e formais, como o cinema e os museus, e se centra na experiência visual da vida cotidiana.” (MIRZOEFF, 2003, p. 25. Tradução nossa)¹⁵.

Debater essas questões em sala de aula pode ser uma forma de quebrar paradigmas sociais e estruturais. Ensinar a “revelar” as imagens pode ser uma forma de se descolonizar o olhar para olharmos para as estruturas sociais presentes nas imagens: racismos, machismos e outros discursos normativos e abrir uma área de

¹⁴ “Uno de los rasgos más chocantes de la nueva cultura visual es el aumento de la tendencia a visualizar las cosas que no son visuales en sí mismas.”

¹⁵ “La cultura visual aleja nuestra atención de los escenarios de observación estructurados y formales, como el cine y los museos, y se centra en la experiencia visual de la vida cotidiana.”

debate. Abrir espaços para “perguntas que desafiam a autoridade colonial do centro e os discursos hegemônicos dentro dele, (...) imaginar mundos alternativos e novos discursos” (KILOMBA, 2008, p. 68).

Isso se faz necessário para que possamos adotar outras posturas. Para que possamos repensar o universo de outras formas. As imagens possuem uma dimensão multiespacial. O controle das imagens e do olhar produz “uma visualizada disposição estratégica de corpos e um treinamento das mentes, organizada para sustentar a segregação física entre governantes e governados e a aquiescência mental a tais arranjos. O complexo resultante tem volume e substância, formando um mundo vivo que pode ser visualizado e habitado.” (MIRZOEFF, 2016, p. 752).

Como driblar então essa restrição que nos impede olhar de fato para fotografias, o “poder de polícia” (MIRZOEFF, 2016) e da ciência (FLUSSER, 2002) na imagem fotográfica? Esse poder de polícia que não nos “autoriza” a questionar as imagens, e nem nossa própria existência, o poder do patriarcado que ridiculariza mulheres que questionam a autoridade exercida sobre elas, através das imagens.

É importante aprendermos a ver, olhar e revelar o que está nas zonas mais profundas das imagens a partir do que emerge em sua superfície. Para ver é preciso entender que talvez não saibamos ver, que precisemos “fechar os olhos” para experimentar “o que não vemos, o que não mais veremos – ou melhor, para experimentar que o que não vemos com toda a evidência (a evidência visível) (...) quando ver é sentir que algo inelutavelmente nos escapa, isto é: quando ver é perder. Tudo está aí.” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p.34).

Essas estratégias de construção de visualidades são usadas para estigmatizar mulheres e meninas. Essa estratégia de delimitação de corpos e espaços também pode ser percebida na construção da “história da fotografia” que apresentou durante anos apenas homens que eram reconhecidos como “inventores” das imagens e muitas mulheres foram invisibilizadas como podemos observar na próxima aula.

AULA 4: MULHERES NA INVENÇÃO DA FOTOGRAFIA

Quando iniciei meu estudo sobre fotografia em 2012, apenas encontrei em meu alcance professores (homens) em vídeos e livros escritos que ensinavam como fotografar. Isso não acontecia devido à falta de mulheres no mercado fotográfico, mas sim ao privilégio do homem branco de ter mais visibilidade e de ser mais requisitado nos mercados de trabalho. Acredito que, dessa forma, a hegemonia masculina não só estava ganhando mais visibilidade e dinheiro, como também colonizando olhares e perspectivas (KILOMBA, 2008).

Essa experiência segregadora foi percebida também durante a minha monitoria, no ateliê de fotografia da Faculdade de Artes Visuais - FAV/UFG, no ano de 2022. Assumi a função de catalogar e organizar a literatura presente no espaço a fim de criar uma biblioteca para que as e os estudantes apreciassem os livros ali presentes. Conforme eu avançava no registro dos livros do ateliê, me inquietava com o fato de que homens não só possuíam a autoria da maioria dos livros como também eram autores de todos os livros e catálogos de nus femininos.

Isso nos leva a refletir sobre quem detém o poder de construir o olhar sobre as imagens fotográficas de mulheres? Se olharmos a história da fotografia tradicional e os livros que são mais disponibilizados, percebemos que a minha experiência com a narrativa machista não é exceção, visto que muitas mulheres nem sequer são mencionadas. Nesse sentido, busquei fazer um levantamento histórico da influência das mulheres na invenção da imagem fotográfica.

A primeira fotografia que se tem registro surgiu por volta de 1826 pelo inventor francês Joseph Nicéphore Niépce. Mas para que a técnica fotográfica se desenvolvesse como tal, houve muitos estudos que antecederam essa inovação. A química escocesa e feminista Elizabeth Fulhame explorou várias ideias, sendo a mais intrigante a formação de imagens fotográficas de rios em ácido clorídrico fotossensível em mapas de pano. Embora, aparentemente, nenhum dos seus trabalhos tenha sobrevivido, sua monografia, “Um ensaio sobre combustão, com vistas a uma nova arte de impressão e pintura” (1974)¹⁶, foi a primeira publicação a analisar, de forma

¹⁶ An Essay on combustion, with a View to a New Art of Dying and Painting (Tradução nossa).

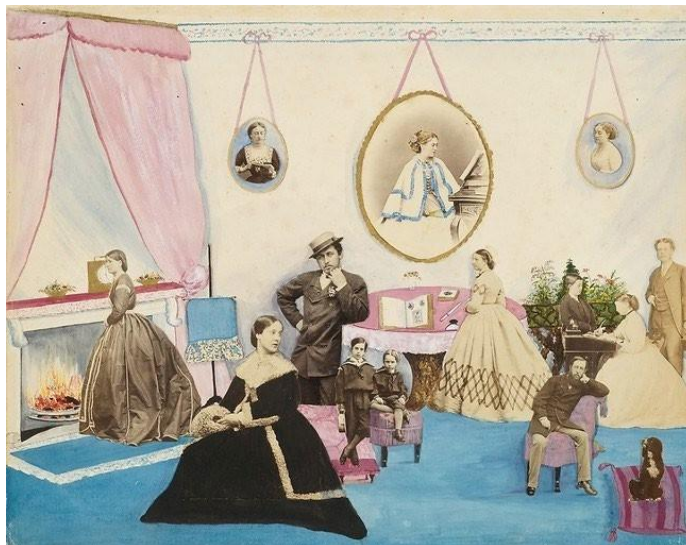
explícita, um processo fotográfico (HACKING, 2012, p.19). Além disso, Fulhame foi pioneira na química ao publicar um material sobre combustão. O resultado do seu trabalho foi citado e plagiado repetidas vezes por químicos sucessores. Fulhame não recebeu muito reconhecimento ainda em vida, sua contribuição na fotografia é omitida em diversas publicações. Em 1810, o Chemical Society of Philadelphia admitiu que Fulhame havia feito afirmações “tão ousadas sobre a química” que eles não poderiam “negar ao sexo o privilégio de participar também desta ciência” (Canham e Canham - 2019).

Juliet Hacking, diretora do programa de mestrado em fotografia contemporânea e histórica do Sotheby's Institute of Art, de Londres, em seu livro “Tudo sobre fotografia” (2012), ressalta a importância das mulheres nos primórdios da fotografia, não só como instrumentadoras ajudando seus maridos com cópias de negativos como também na produção de imagens. A ação de trabalhar nos laboratórios se tornava cada vez mais popular entre mulheres que não se sentiam confortáveis com a ideia de serem retratadas por outros homens. Hacking pesquisou que alguns estúdios fotográficos anunciavam a disponibilidade de “operadoras do sexo feminino” e isso ampliou, em muito, o número de fotógrafas, que em 1900, já era em torno de mais de sete mil, no Reino Unido e nos Estados Unidos.

Rapidamente, também, as mulheres passaram a experimentar a fotografia para além do registro da realidade e a questionar as noções de normalidade da época ao se expressarem artisticamente por meio da manipulação fotográfica.

Lady Mary Filmer questionava o realismo da fotografia com colagens e desenhos ao produzir foto-colagens para recriar cenas de seu cotidiano e abalar os conceitos de representatividade feminina (HACKING, 2012). Como na imagem abaixo, na qual Lady Filmer constrói uma reunião social: ela se encontra de branco próxima aos seus álbuns no fundo da imagem. Filmer manipula por meio de recortes de fotografias e colocando em evidência um homem que está à sua direita na imagem. Esse homem é o príncipe de Gales que ela estava envolvida em um “flerte” e trocavam entre si fotografias. Já o seu marido, foi posicionado por Filmer sentado próximo ao cachorro, no canto inferior direito da imagem.

Figura 5 - Collage by Mary Georgina Filmer (mid-1860s)



Fonte: HACKING, Juliet. Tudo sobre fotografia. Rio de Janeiro. Sextante. 2018. p.124-125.

Uma grande inspiração para mim é a fotojornalista Frances Benjamin Johnston, que teve uma carreira notável durante o século XX e retratou figuras importantes da época como, por exemplo, a sufragista Susan B. Anthony. Johnston foi uma figura importante para as mulheres que queriam se inserir na profissão, em 1897 ela publicou um artigo intitulado “o que uma mulher pode fazer com uma câmera” no *Ladies' Home Journal*, que descreve como alcançar o sucesso financeiro e artístico sendo fotógrafa¹⁷.

Em 1900, Johnston co-curou com Zaida Ben-Yusuf (outra grande fotógrafa e artista), uma exposição de fotografias que incluiu vinte e oito mulheres fotógrafas na *Exposition Universelle* em Paris. Johnston também lecionou na Universidade de Nova York a disciplina de fotografia para mulheres, onde reforçava a importância de se ter mulheres ocupando cada vez mais espaços na fotografia. Sua obra mais icônica é o autorretrato “Uma Nova Mulher” (1896) em que Johnston faz uma pose característica masculina, à época, segurando um cigarro e uma caneca de cerveja para questionar papéis de gêneros.

¹⁷Ao traduzir o jornal, encontrei no artigo informações relevantes até para minha carreira como fotógrafa, em pleno século XXI! Dentre essas informações estão estratégias para precificação do trabalho e postura profissional.

Figura 6 - Uma Nova Mulher



Fonte: HACKING, Juliet. Tudo sobre fotografia. Rio de Janeiro. Sextante. 2018. p.124-125.

A fotografia continua ao longo da história sendo uma forte aliada das causas feministas, ao escancarar e subverter as visualidades machistas existentes. A fotografia sempre foi um meio explorado pelas feministas como forma de uma busca da autoimagem e do ser mulher, assim como se expressar na figura feminina que retrata e a que é retratada (BLAUTH; SCHMIT E ROSA. 2018 p.22). Podemos observar artistas contemporâneas cada vez mais conquistando espaços com seus trabalhos adentrando as salas de aulas e exposições. A imagem é, sem dúvida, uma forma de luta e reflexão e depois desses estudos teóricos, a ideia é propor uma prática em sala.

AULA 5: PRODUÇÃO DE FOTOGRAFIAS

Para Mirzoeff (2016) é necessário reivindicar o “direito do olhar” e não apenas “ver a realidade” que é construída pelas visualidades hegemônicas. É nesse contexto que as contra visualidades questionam o sistema homogêneo do olhar, reforçando que entender que existem visualidades que nos agridem como mulheres é importante, mas, se posicionar contra tais imagens é essencial. As contra visualidades, portanto, oferecem ferramentas que ajudam a desnaturalizar o olhar homogeneizado produzido pelo complexo de visualidade (ABREU, 2020 p.102). E, enquanto docentes, reivindicamos o direito de ensinar desde outras visualidades, aquelas que exibem terrenos fronteiriços e outros modos de representação que estão fora dos cânones de inteligibilidade oficializados. (ABREU; ALVAREZ e MONTELES. 2019 p.840).

É um desejo que esta pesquisa estimule a produção de fotografias como ensino de arte e também de levante contra o machismo estrutural existente. Produzir tais visualidades e uma forma de se apropriar da técnica para subverter o sistema patriarcal, e a resistência proposital como levante feminista. A mulher então deixa de ser o objeto a ser fotografado e passa a se auto fotografar e a criar outras narrativas do mundo a partir de novas imagens que tornam visíveis violências, privilégios econômicos e sociais:

Contestar os regimes de visualidades hegemônicas (...) nem sempre resulta ser um processo fácil em contextos neoconservadores como os que vivemos hoje, mas é no mínimo necessário se buscamos aprender e ensinar com e por meio das imagens, e com outros discursos que falem sobre nós e desde nós. (ABREU; ALVAREZ e MONTELES, 2019, p. 838).

Nesse sentido, a proposta de produção de fotografias por estudantes precisa de uma série de discussões e escutas. Com a ajuda dessas discussões, em consonância com as vivências pessoais, facilita-se o desenvolvimento de abordagens pedagógicas que convidam a criarmos novas significações sobre o cotidiano e a realidade anunciada pelos discursos de poder (ABREU; ALVAREZ e MONTELES. 2019, p. 841).

Quanto ao acesso à câmera fotográfica, é importante ressaltar que a fotografia como meio didático se torna mais viável a partir do momento em que telefones celulares se tornam populares no cotidiano das/dos estudantes. Por outro lado, é importante ter o entendimento que, devido a desigualdade social existente no Brasil, não são todas(os) alunas(os) que possuem celulares com uma boa captura de imagens, outros sequer possuem celulares. Cabe a/ao professora e professor mediar maneiras acessíveis para a produção dessas fotografias.

Uma das alternativas sugeridas é que as imagens sejam produzidas em grupos, evitando assim com que a/o estudante se sinta intimidada(o) com a atividade. Outra possibilidade, é a criação de novas imagens a partir de intervenção de fotografias já existentes usando revistas e colagens para a criação de um trabalho artístico reflexivo. Podem ser usadas como exemplo as artistas Martha Rosler, citada na Aula 1, ou a Mary Georgina Filmer, da Aula 4. As possibilidades de se criar imagens a partir e através da fotografia são muitas: podemos até subverter as limitações tecnológicas da própria câmera, para não nos restringirmos, pois, “a imaginação do fotógrafo, por maior que seja, está inscrita nessa enorme imaginação do aparelho” (FLUSSER, 2002, p.32). Em síntese, minha proposta é que possamos utilizar câmeras, mas também foto colagens (que se caracteriza por fazer colagens com fotografias, incrementada com outras linguagens artísticas como desenho, pintura etc.) e outras invenções que possam surgir a partir da fotografia e da interação com as e os estudantes. Entendo que unir essas experiências práticas com as discussões propostas neste texto seja uma maneira de questionar os ciclos opressores.

CIRURGIA PLÁSTICA (2023)

Durante o decorrer desta pesquisa, se tornou clara a importância de também produzir fotografias. Para mim, era imprescindível o uso da fotografia em todo o processo. Revisitando minhas vivências narradas na introdução, lembrei situações de abusos que passei por “não estar” conforme os padrões estéticos de beleza. Hoje sei que não sou uma mulher gorda, muito menos na época em que pesava 50 kg. Mesmo assim recebia diversos comentários maldosos.

Se eu que, claramente, não estava acima do peso “ideal” propagado pela indústria capitalista, era constantemente privada de alguns alimentos e de certos círculos sociais, imagine como se davam as vivências de minhas amigas gordas da época, que eram constantemente ridicularizadas em público, rechaçadas e odiadas. Em um dos países que mais fazem intervenções cirúrgicas no mundo¹⁸, ouvi por diversas vezes de homens o que eu deveria ou não fazer com meu corpo.

Foi então que finalmente decidi fazer uma intervenção plástica em meu corpo, dessa vez não foi necessário o uso de anestesia: a dor precisa ser sentida, por mim e pelo público. Cirurgia Plástica é uma foto-performance onde me embalo em plástico filme até ficar imobilizada, no limite entre o respirar e o sufocar¹⁹. Quando finalizo o casulo e não me sinto pertencente àquele espaço, eu me desamarro e rompo com a minha própria armadilha.

¹⁸ Segundo o portal de notícia G1, em 2022, Brasil é o segundo país no ranking de intervenções cirúrgicas para fins estéticos.

¹⁹ Toda a performance foi feita em um ambiente seguro e com supervisão.

CIRURGIA PLÁSTICA

Eles disseram “tem algo de errado em você”
Então, decidi perguntar
O que há de errado comigo?

Eles disseram “seu comportamento”
Então, decidi me comportar, mas não foi o suficiente.
O que há de errado comigo?

Eles disseram “seu corpo grande”
Então, decidi diminuir, mas não foi suficiente.
O que há de errado comigo?

Eles disseram “sua mentalidade”
Então, decidi parar de pensar, mas não foi suficiente.
O que há de errado comigo?

Eles disseram que tem coisas que só a plástica resolve
Então, decidi me emplastificar. Quando me sufoquei, perguntei
O que há de errado comigo?

Então eles disseram “não é você, sou eu”
Finalmente percebi
Não há nada de errado comigo

Raylene C. 2023.

Figura 7 - Cirurgia Plástica



Fonte: Raylene C. (2023).

AULA 6: REFLETIR E AVALIAR AS FOTOGRAFIAS PRODUZIDAS

Esta última aula parte do princípio que as fotografias já foram produzidas. Esse pode ser um valioso momento de partilhar as experiências do processo, se despidendo de qualquer julgamento estético sobre as produções. Esse momento, não se trata de cobrança, mas sim de acompanhamento, questionamento para se instigar e provocar mudanças:

Nas artes, a questão maior da avaliação diz respeito ao processo de criação e aí não existem “o certo e o errado” ou “o bonito e o feio”. Por isso, não há como recorrer a padrões predeterminados ou instrumentos muito fechados pois é preciso que a avaliação seja pautada pelo acompanhamento do processo artístico e estético do aluno, mais do que pelos resultados. Nessa perspectiva, a avaliação não pode ser simplesmente a averiguação de aprendizagem, mas parte de um processo reflexivo e interpretativo que traz consigo um componente de subjetividade, apontando para uma dimensão ética, e não apenas técnica (MÖDINGER, 2012, p. 143).

Proponho então que a atividade finalize com uma roda de conversas, onde cada estudante fale de suas produções e como se deu o processo. Tais imagens também podem ser impressas, e caso seja de comum acordo (respeitando o direito de privacidade individual) possa se fazer uma exposição no espaço de ensino. Instigando e incluindo a comunidade que convive no espaço e ao redor dele a participar dos diálogos produzidos. Com isso podemos ter uma percepção de todo o trabalho realizado, podendo adotar diversas estratégias para a aplicação dos conteúdos, com o objetivo claro de partilha de aprendizado mútuo (HERNÁNDEZ, 2000, p.161).

Essas atividades tem o potencial de apresentar novos desdobramentos, como projetos, ensaios, e outras oportunidades criativas de contemplar os assuntos feministas. Com isso podemos contribuir para o avivamento do potencial artístico dos estudantes, e fomentando o olhar crítico dos envolvidos.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa me fez perceber o quanto sou ligada ao feminismo, quanto mais estudo, mais me reconheço nas propostas dessas mulheres: o feminismo é intrínseco à minha vivência por ser mulher. Falar sobre assuntos feministas se torna indispensável para minhas práticas docentes, porque acredito que a mediação de temas feministas tem o poder de libertar pessoas da opressão machista, patriarcal. O feminismo pode ajudar a mulher a identificar as violências, podendo se proteger de atentados contra a sua existência. Mesmo não estando emancipada dos padrões socioculturais, podemos ter escolhas mais conscientes e saber até onde estamos sendo influenciadas.

Acredito também que as aulas propostas se tornam ferramentas para introduzir e se aprofundar nessa temática. Espero que a proposta de construir um material acessível para professoras e jovens estudantes, torne possível que cada uma utilize esta pesquisa à sua maneira e que esta pesquisa adentre os espaços escolares. Finalizo, então, este trabalho de conclusão de curso, com uma convocação para as/os docentes usarem as ferramentas disponíveis e aliar a prática da fotografia com discussões histórico-conceituais pode ser uma ação transformadora que abre espaço para o diálogo feministas contribuindo de alguma forma para a emancipação das mulheres frente ao patriarcado: para que nossas causas não sejam diminuídas pelo medo ou desatenção, para que possamos ter a coragem de fazer com que nossas vozes sejam ouvidas, nossos corpos sejam respeitados e nossos sonhos sejam alcançados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, C. L. Contravisualidades: práticas de resistência em tempos de pandemia e fake news. *Concinnitas*. v.21, n.38, Rio de Janeiro, maio de 2020.

ABREU, C. L.; ÁLVAREZ, J. S. O.; MONTELES, N. J. S. O que podemos aprender das contravisualidades?, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 831-846

ALMEIRA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo. Editora Jandaíra; 1ª edição. 2019.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 (M. I. C. Nascimento, Trad.). Porto Alegre: Artmed. 2014

ARAUJO, G. C.; OLIVEIRA, A. A. Imagens da Educação, v. 3, n. 2, SOBRE MÉTODOS DE LEITURA DE IMAGEM NO ENSINO DA ARTE CONTEMPORÂNEA. p. 70-76, 2013.

ARONOVICH, Lola. A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens. Pensamento. LERNER, Gerda. - Pensamento Cultrix. São Paulo.2019.

BAGAGLI, Bia. Explosão feminista, arte, cultura, política e universidade. HOLLANDA, Heloise. São Paulo. Polém livros. 2018.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 549-559, maio/ago. 2011.

BLAUTH, Lurdi; SCHMITT, Diênifer Morgana; ROSA, Anna Paula Rodrigues da. Violências cotidianas: a fotografia como registro de empoderamento feminino. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria: UFSM, v.12, n.1, p.18-37, jan./abr. 2019.

BOUHABEN M. Fotomontajes feministas: dispositivos estético-políticos. *Investigaciones Feministas*, 8(2) 561-582. Universidad Complutense Madrid. MADRI. 2017.

CANHAM, M; CANHAM, G. Pioneering British Women Chemists: Their Lives And Contributions. Londres. 2019

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DA SILVA, Cidinha. Explosão feminista, arte, cultura, política e universidade. HOLLANDA, Heloise. São Paulo. Polém livros. 2018.

DAVIS, Angela. Mulheres, Raça e Classe. São Paulo. Boitempo. 2016.

DIDI-HUBERMAN, G. O que vemos, o que nos olha. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010.

EMPODERAMENTO, CULTURA NEGRA E ARTE POR MEIO DA FOTOGRAFIA | Helen Salomão | TEDxRuaPortugal. Youtube. 26 de julho de 2017. 14:16. Disponível < Empoderamento, cultura negra e arte por meio da fotografia | Helen Salomão | TEDxRuaPortugal> Acessado em 24 de Dezembro de 2022.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta. Editora e Gráfica LTDA. Rio de Janeiro. 2002.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

MARTINS, J; LAGRECA, A; BUENO, S; Feminicídios caem mas outras formas de violência contra meninas e mulheres crescem em 2021. 2022. Disponível em: < <https://fontesegura.forumseguranca.org.br/feminicidios-caem-mas-outras-formas-de-violencia-contra-meninas-e-mulheres-crescem-em-2021/>> Acessado em 28 de Fevereiro de 2023.

FRIEDAN, Betty. A mística feminina. Rio de Janeiro. 1º ed. Rosas do tempo. 2020

GARCIA, Mariana. Mamas, rinoplastia e lipo: Brasil está entre países que mais fazem cirurgias plásticas; veja lista e ranking. Portal de notícia G1. 2022. Disponível em < <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/07/03/mamas-rinoplastia-e-lipo-brasil-esta-entre-paises-que-mais-fazem-cirurgias-plasticas-veja-lista-e-ranking.ghtml>> Acessado por último no dia 01 de fevereiro de 2023.

HACKING, Juliet. Tudo sobre fotografia. Rio de Janeiro. Sextante. 2018. p.124-125.

HERNÁNDEZ, F. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Tradução de Jussara H. Rodrigues. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 2000.

HOLLANDA, Heloise. Explosão feminista, arte, cultura, política e universidade. São Paulo. Polém livros. 2018.

HUMM, Maggie. The dictionary of feminist theory. Columbus: Ohio State University Press. 278 páginas. 1990.

JOHNSTON, Benjamin. Mulher e a câmera. Ladies' Home Journal. Philadelphia. 4 de dezembro de 1897. Disponível em < <https://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn88064339/1897-12-04/ed-1/seq-7/>> acessado no dia 10 de janeiro de 2023.

JOHNSTON, Benjamin. Mulheres para as Profissões - Série de Palestras a serem dadas na Universidade de Nova York". O Sol . 1897. p. 6.

KEHRWALD, I. P. Ler e escrever em artes visuais. In: NEVES, I. C. B.; et al. (Orgs.). Ler e escrever: compromisso de todas as áreas. 7. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação. Editora Cobogó. 2008.

LEWER, M; et al. Different facets of body image disturbance in binge eating disorder: A review. Nutrients. 2017.

MARQUES, Teresa. O voto feminino no Brasil. Brasília. 2ª ed. Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.

MATIA, Wédja. Feminismo e Empoderamento da Mulher na Sociedade Brasileira. 2017. Disponível no < <https://revistas.ufpr.br/cli/article/view/53648/36807>> acessado no dia 20 de fevereiro de 2023.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. ETD – Educ. Temat. Digit. Campinas, SP v.18 n.4 p. 745-768. 2016.

MIRZOEFF, Nicholas. Una introducion a la cultura visual. Paidós Ibérica, S.A. Barcelona. 2003.

MITCHELL, W. J. T. O que as imagens realmente querem? In ALLOA (org.). Pensar a Imagem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MÖDINGER, C. R. et al. artes visuais, dança, música e teatro: práticas pedagógicas e colaborações docentes. Erechim: Edelbra, 2012.

NOLASCO, Sócrates. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLIVEIRA, Marize. Explosão feminista, arte, cultura, política e universidade. HOLLANDA, Heloise. São Paulo. Polém livros. 2018.

PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; ANTUNES MEDEIROS DE OLIVEIRA, Roberta As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. Revista Lusófona de Educação, núm. 33. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Lisboa, Portugal. pp. 111-125. 2016.

RIBEIRO, Djamila. Explosão feminista, arte, cultura, política e universidade. HOLLANDA, Heloise. São Paulo. Polém livros. 2018.

ROVERE, Maxime - Arqueofeminismo –Mulheres filósofas e filósofos feministas –Séculos XVII-XVIII. 1ª Edição, São Paulo; n-1 Edições, 2019.

SARDELICH, SARDELICH. LEITURA DE IMAGENS, CULTURA VISUAL E PRÁTICA EDUCATIVA. Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA. 2006.

TELES, Maria. Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios. São Paulo. Editora Alameda. 2018.

WALKER, Rebecca . Becoming the Third Wave. 1992. pp. 39–41.

WIERCINSKI, Gilmar. PESQUISA AUTO-BIOGRÁFICA: UMA INTRODUÇÃO METODOLÓGICA. Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências/Mestrado . Unijuí (RS). 2014.

WOLF, Naomi. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 13ª ed. Rio de Janeiro. Rosa do Tempo. 2020.